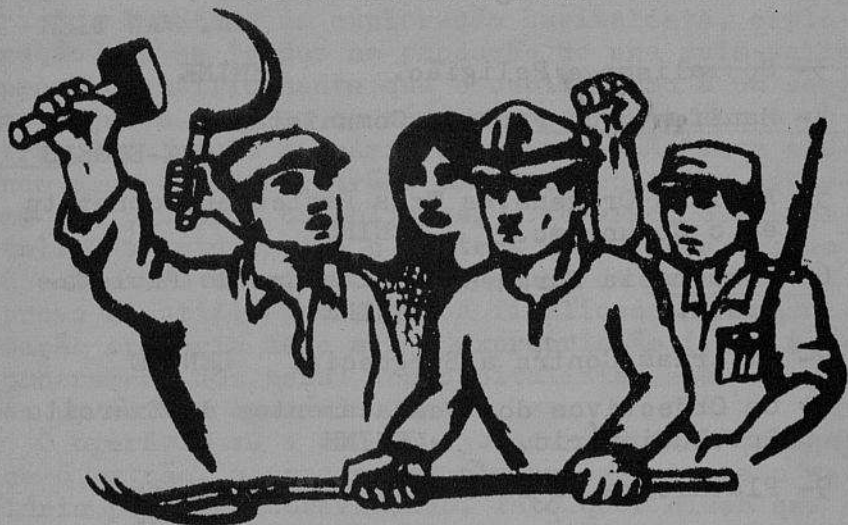


EXPLORAÇÃO

VASCO MC MARTINS

CAPITALISTA



mercadoria

força de trabalho

mais-valia

COLEÇÃO: ESTUDO, ORGANIZAÇÃO E LUTA Nº1

lê os textos marxistas

- Nº 1- O Papel do Trabalho na Transformação do Macaco em Homem. F. ENGELS
- Nº 2- A Nossa Estratégia da Guerrilha. N. VAN TIEM
- Nº 3- Socialismo e Religião. LENINE
- Nº 4- Manifesto do Partido Comunista. MARX-ENGELS
- Nº 5- As Três Origens, as Três Partes que constituem o Comunismo. LENINE
- Nº 6- Democracia Burguesa e Ditadura do Proletariado. LENINE
- Nº 7- Em Armas Contra a Burguesia. LENINE
- Nº 8- Os Objectivos dos Destacamentos do Exército Revolucionário. LENINE
- Nº 9- Plataforma da Internacional Comunista. LENINE
- Nº 10- Crítica e Auto-crítica/Contra o Liberalismo/ A Eliminação das Concepções Erradas no Seio do Partido. GASTON MONNOSSEAU-MAO TSETUNG
- Nº 11- Carta a um Camarada. LENINE
- Nº 12- Sobre o Partido. LENINE-STALINE
- Nº 13- Sobre o Estado. LENINE-STALINE
- Nº 14- Materialismo Dialéctico e Materialismo Histórico. STALINE
- Nº 15- Proposta sobre a Linha Geral do Movimento Comunista Internacional.
(Carta em 25 pontos do P.C. da China, 1963)
- Nº 16- O Xº Congresso do Partido Comunista Chinês

introdução

Todo o operário sabe que é explorado. O que talvez não saiba é que esta exploração faz parte da natureza do sistema capitalista, e que só a eliminação do sistema capitalista acabará com a exploração. O estudo da exploração capitalista, exploração que se traduz na produção de uma mais-valia prova cientificamente que o capitalismo é um regime injusto para os operários, seja quem for o patrão. Por isto, o operário consciente não luta apenas contra o seu patrão, mas luta contra o sistema (os patrões, os polícias, o governo, o exército). E a luta contra o sistema só é forte quando é colectiva e organizada. O estudo da mais-valia prova cientificamente que a finalidade da organização operária deve ser a expropriação (isto é, a-poderar-se dos bens) dos capitalistas e a criação de um estado operário justo.

O operário vê e sabe que o seu trabalho enriquece o patrão, ao passo que ele apenas recebe o salário para ir sobrevivendo. Isto quer dizer que o fruto do trabalho não beneficia quem trabalhou, mas beneficia o patrão, o capitalista, que se apropria dele. Pois bem, a apropriação do fruto do trabalho alheio é aquilo a que chamamos exploração.

No entanto, não é fácil compreender esta exploração. Não poderia o operário evitá-la? Porque permite que o capitalista lhe tome a maior parte do fruto do seu trabalho? Para responder a isto, é preciso estudar alguns elementos do capitalismo principalmente a mercadoria e a força de trabalho. Só depois se poderá entender a mais-valia, que é a chave da exploração capitalista do trabalho.

mercadoria

Quando alguém produz um objecto para seu uso próprio ou para dar a um amigo, esse objecto é sem dúvida um produto, mas não é uma mercadoria. Porém, se for obrigado a trocar o objecto, esse objecto passa a ser mercadoria. Mercadoria, portanto, é tudo o que se produz para a troca e não para consumo de quem produziu. Assim, a mercadoria destina-se ao uso de uma outra pessoa, que por sua vez oferece outra mercadoria, ou dinheiro, em troca daquela de que necessita para seu uso próprio.

Pode dizer-se, portanto, que toda a mercadoria tem duas funções, uma de uso e uma de troca, as quais chamamos valor de uso e valor de troca.

Assim, por exemplo, a batata tem valor de uso, pois serve para a alimentação. O valor de uso do sapato está na protecção que dá aos pés. A enxada tem valor de uso pois revolve a terra, e assim por diante. É de uso tudo o que satisfaz alguma necessidade humana. O valor de uso sempre existiu pois o homem sempre produziu para satisfazer as suas necessidades.

O valor de troca, pelo contrário, nem sempre existiu. A princípio os homens consumiam o que produziam de modo que pouco sobrava para trocar. Por tanto, para que houvesse troca em quantidade, seria preciso que a produção, ao menos em certos ramos, fosse bem maior que o consumo. De facto, a produção cresceu tornando possível a troca em larga escala, e com ela a divisão social do trabalho: alguns grupos dedicavam-se mais a um produto, deixando de produzir outro, que um outro grupo, por sua vez, produzia em maior quantidade. Deste modo, quem cuida do campo deixa de produzir as suas enxadas, agora produzidas pelo artesão que por sua

vez deixa de plantar e colher. Um e outro satisfazem as suas respectivas necessidades por meio da troca. Aos poucos, desta forma, transformou-se em mercadoria uma boa parte dos produtos humanos.

Se, no entanto, o artesão trocar a sua enxada pelo alimento do lavrador, surge um problema: quantos sacos, digamos de feijão, deverá pedir? E o lavrador quantos sacos de feijão deveria oferecer? Por outras palavras, como saber o valor de troca de uma mercadoria?

Para responder a esta pergunta, é preciso descobrir o que existe de comum em todas as mercadorias que permita comparar-lhe o valor. A comparação material não explica nada: o feijão é vegetal e a enxada é de ferro, mas qual dos dois vale mais? Também o valor de uso de ambos não basta para explicar o valor da troca: o feijão serve para comer e a enxada para revolver a terra; ambas as coisas são necessárias, cada uma a seu tempo, mas quanto valem?

O que há de comum no feijão e na enxada, o que há de comum em todas as mercadorias, e que são frutos do trabalho humano, isto é, todas elas, mesmo os frutos colhidos no mato, dependem de um tanto de trabalho do homem. O alimento comido pelo artesão depende do trabalho do lavrador e a enxada do lavrador depende do trabalho do artesão. Assim, tanto na enxada como no feijão entrou uma certa quantidade de trabalho humano, que pode ser medida em tempo. É este trabalho, denominador comum de todas as mercadorias, que permite compará-las e trocá-las em determinadas proporções. O valor da mercadoria é determinado pelo tempo de trabalho necessário à sua produção. Entretanto, isto não quer dizer que o valor de um trabalhador lento vá lhe mais do que o produto dum trabalhador mais rá

vido. Trata-se aqui de um trabalho médio. Resulta que o valor da mercadoria é determinado pelo tempo socialmente necessário para a sua produção. Como veremos é assim que se determina o valor da força de trabalho, a mercadoria mais importante do sistema capitalista.

força de trabalho

A força de trabalho nem sempre foi uma mercadoria. Para exemplo vejamos o artesão: trata-se de um produtor independente, que vende o seu produto, digamos uma enxada, e não vende a sua força de trabalho, a qual portanto não é mercadoria. Isto é possível, porque o artesão é dono tanto do seu trabalho como dos seus meios de produção, quer dizer é dono dos seus instrumentos e da matéria prima que utiliza; por consequência, é dono também do seu produto, da enxada que o seu trabalho produziu. A expansão capitalista, entretanto, liquidou a maior parte dos artesãos, que não puderam concorrer com as fábricas sempre crescentes. Endividavam-se e perdiam os seus meios de produção, até que nada lhes restasse para vender. Nada? Não é certo. Endividavam-se até que nada lhes restasse para vender, a não ser a sua força de trabalho. A sua força de trabalho, no caso, é a sua força física mais a sua inteligência, ou por outras palavras, o seu músculo mais o seu cérebro.

Ora, sem os meios de produção a força de trabalho não tem préstimo. O melhor tecelão não tece na da se não tiver tear e fio. Separada dos seus meios de produção a classe trabalhadora ficou a depender, para o seu trabalho, da classe dos capi

talistas, isto é, da classe dos proprietários dos meios de produção. O trabalhador foi forçado a procurar o capitalista para lhe vender a sua força de trabalho, em troca de um salário. Assim, o artesão transformou-se em assalariado, passando a vender a sua força de trabalho por dia, por semana, por mês. Foi o que fizeram os artesãos arruinados e também os camponeses, que o capitalismo expulsa e expulsa das suas terras. Surgia deste modo a grande massa proletarizada e pobre das cidades, cuja única mercadoria são os seus músculos e o seu cérebro. Surgia deste modo a força de trabalho do nosso tempo, a qual produz mas não consome, a gigantesca riqueza do capitalismo industrial.

valor da força de trabalho

No sistema capitalista, portanto, a força de trabalho é uma mercadoria. Como é que se determina o seu valor? Vimos que o valor de uma mercadoria é determinado pelo tempo de trabalho socialmente necessário à sua produção. Quanto tempo de trabalho será necessário à produção da força de trabalho? A resposta não pode ser directa, pois a força de trabalho não é produzida directamente na fábrica. Ela não existe fora do corpo vivo do trabalhador. Quanto tempo de trabalho é necessário então para produzir o músculo e o cérebro do trabalhador? A resposta é fácil, se considerarmos o conjunto da classe operária. Para que se produza a sua força de trabalho é necessário que ela esteja e continue viva, isto é, que se alimente, durma, agasalhe e reproduza. Sem isto não poderia voltar diariamente aos latifúndios (grandes propriedades agríco-

las) e às fábricas do capital, para lá vender a sua força de trabalho. Ora, enquanto cresce, estuda e trabalha, o homem consome uma certa quantidade de mercadoria que pode ser medida em tempo de trabalho. Medindo este valor, estaremos a medir, indirectamente, o valor da força de trabalho.

Casa, comida, roupa e educação, podem ser boas e podem ser ruins. Em regime capitalista, porque a oferta de mão-de-obra tende a ser maior que a procura, o trabalhador é forçado a bastar-se com o mínimo vital (necessário para viver) para não perder o emprego. De modo que a sua casa, comida, roupa e educação serão ruins. Portanto, o valor da força de trabalho é igual ao valor dos meios de subsistência, principalmente dos géneros de primeira necessidade, indispensáveis à reprodução da classe operária. Este valor é pago no salário, que deve dar para o estritamente necessário: a sobrevivência e o mínimo de educação necessárias ao trabalhador. É este o círculo vicioso do capitalismo, em que o assalariado vende a sua força de trabalho para sobreviver, e o capitalista lhe compra a força de trabalho para enriquecer. A razão deste círculo vicioso está na mais-valia, que passamos a estudar.

mais-valia

Vimos que o valor de troca da força de trabalho é igual ao valor dos meios de subsistência indispensáveis à reprodução da classe operária. Suponhamos que a produção desses meios de subsistência, necessários ao trabalhador médio, leva em média 4 horas de trabalho. Suponhamos também que o preço de 4 horas de trabalho seja 40 escudos.

Nesse caso, a força de trabalho vale 4 horas de trabalho, e o seu preço, o seu salário, é 40 escudos. Trabalhando 4 horas por dia o trabalhador produz os seus meios de subsistência, ou um produto de valor igual ao dos seus meios de subsistência. Este produto pode ser chamado necessário à renovação física do trabalhador. Pela mesma razão estas 4 horas podem ser chamadas de trabalho necessário.

Entretanto o operário é obrigado a trabalhar muito mais do que as 4 horas necessárias. Trabalha 8, 10, 12 horas por dia. Por outras palavras, produz muito mais do que o trabalho necessário, produz muito mais do que consome, produz um excedente.

Vejam os que acontece quando o trabalhador vende a sua força de trabalho ao capitalista. A força de trabalho, como qualquer outra mercadoria tem um valor de uso e um valor de troca. No nosso exemplo o valor de troca é de 40 escudos, equivalente as 4 horas de trabalho necessário. Qual será o valor de uso? Quando paga estes 40 escudos, que é o salário do trabalhador, o capitalista adquire o direito de consumir, de utilizar a sua força de trabalho por um dia. É este o seu valor de uso. Portanto, o capitalista consome a força de trabalho fazendo com que ela trabalhe e produza durante um dia normal, digamos de 8 horas. ATENÇÃO: o capitalista pagou 4 horas de trabalho, mas recebeu 8. As 4 horas que não foram pagas, as horas de trabalho excedente, são a mais-valia do capitalista. Esta troca desigual, repetida milhares de vezes com milhares de operários ao longo dos anos é a mola e a essência deste sistema de exploração.

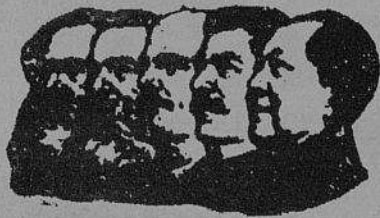
É necessário dizer que esta troca, por mais legal e contratada que pareça, é uma violência diariamente cometida contra a classe operária. Como pode o trabalhador aceitá-la? Vamos repetir o argumento. O trabalhador não tem o que vender, além da sua força de trabalho, é preciso vendê-la para sobreviver. Portanto, é forçado pela fome, ou mesmo pela polícia ou pelo exército, a concordar com os salários que os patrões propõem. Entretanto, no espaço de um dia, de uma semana ou de mês de trabalho, o trabalhador produz muito mais do que o seu salário. Esta diferença, chamada mais-valia, é metida ao bolso pela classe capitalista, é a fonte de toda a sua riqueza. Assim como um boi produz mais do que come e enriquece o seu dono, a classe trabalhadora produz mais do que consome e enriquece os proprietários dos meios de produção. Deste modo os trabalhadores são os bois do sistema capitalista: consomem apenas uma parte do que produzem, a parte necessária para que continuem vivos e trabalhando; a outra parte, a mais-valia, é apropriada pela burguesia, que vive à custa da classe trabalhadora.

Mas um homem não é um boi, e para conservá-lo na condição de boi é necessária a violência. De facto, a função principal da polícia e do exército nos países capitalistas é a de garantir, pela força, a propriedade privada dos meios de produção, isto é, a exploração capitalista do trabalho. Em troca deste serviço, as forças armadas, que não vivem de ar, recebem uma parte da mais-valia produzida pelo operariado. Por outras palavras, a classe trabalhadora, hoje, sustenta as forças armadas que a oprimem, e a classe capitalista que a explora.

Para recapitular: a força de trabalho é mercadoria cujo valor de troca, pago no salário, é menor que o valor criado no seu uso, ou seja o produto de um dia, dum semana ou de um mês de trabalho. A força de trabalho, portanto, é uma mercadoria desvantajosa para o seu vendedor, o operário, e vantajosa para o seu comprador, o capitalista. Portanto, enquanto a força de trabalho for mercadoria, haverá exploração capitalista. Por outro lado vimos que a força de trabalho é mercadoria porque a classe trabalhadora está separada dos seus meios de produção. Por consequência, deixará de ser mercadoria quando a classe trabalhadora tomar para si os meios de produção, expropriando a classe dos exploradores. Este é o primeiro ponto do programa da REVOLUÇÃO.

Mas só quando a classe trabalhadora dominar completamente os seus meios de existência, e primeiro que tudo, os seus meios de produção e o produto do seu trabalho é que a exploração capitalista desaparecerá da face do mundo.

**viva a revolução mundial
proletária**



Para melhor lutarmos contra a exploração capitalista que nos rouba o fruto do nosso trabalho e nos obriga a viver na miséria, temos de nos organizar. E para melhor nos organizarmos no combate aos que nos exploram e vivem à nossa custa, temos que conhecer como é que eles nos roubam, quais as manobras que utilizam e como funciona todo o sistema de exploração desta sociedade em que vivemos.

O saber é uma arma nas mãos do povo. No dia em que a classe operária, consciente da exploração e organizada, acabar de vez com a classe dos capitalistas e tomar o poder, então as fábricas serão de quem produz e os campos de quem os trabalha, e haverá uma sociedade justa.

Para isso, camarada, lê e divulga este texto. Se tiveres sugestões a fazer ou outros textos que poderiam também tornar-se armas eficazes nas mãos do povo, envia para a direcção do jornal:

"O Alarme"

22 Village du Rif

38640 - Claix

Publicações de "O Alarme":

"Colecção do Povo"

- 1. Uma Seara de Trigo que Seja Para Todos.
- 2. As Mulheres falam dos seus problemas.

Em colaboração com o Teatro Operário -

- 1. "O 18 de Janeiro de 1934"
- 2. Calendário Proletário de 1974